

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT08.015

PROJETOS DE LEITURA NO MUNICÍPIO DE CAMAÇARI/BAHIA: UMA ANÁLISE SOBRE AS IMPLICAÇÕES NA VIDA DOS JOVENS

Fabiola Chafin Gomes de Pinho¹
Ivo Falcão da Silva²

RESUMO

O presente resumo tem como objetivo apresentar o projeto de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (IFBA - UFBA - UNEB - UEFS - SENAI/Cimatec e LNCC), que pretende analisar projetos de leitura desenvolvidos com jovens em escolas públicas no município de Camaçari/BA, entre os anos de 2023 e 2025, com o intuito de identificar os impactos para a formação dos estudantes no que diz respeito ao campo literário, além da formação enquanto cidadãos. Os pressupostos teóricos tomam por referência as concepções de leitura e escrita como uma prática cultural, conforme propõem Chartier (1994; 1999; 2002), Bourdieu (1996), Goulemot (2011), Horellou-Lafarge e Segré (2010). A problematização concentra-se sobre como a experiência com projetos de leitura pode impulsionar as juventudes, de modo a refletir para além do ambiente escolar, principalmente, no que diz respeito aos aspectos sociais e políticos. Objetiva-se identificar como as experiências literárias podem mobilizar e atribuir sentidos interacionais e socioculturais aos jovens. A abordagem da pesquisa será qualitativa seguindo caminhos da pesquisa-ação, a natureza percorrerá perspectivas exploratórias, descritivas e explicativas. O diálogo com pesquisadores e estudiosos favorecerá para a ampliação do conhecimento nas áreas de estudos exploradas, visto que pretende-se

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – BA. E-mail: chafinfabiola@gmail.com;

2 Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia com pós-doutoramento pela mesma instituição. Professor do quadro efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento. E-mail: ivofalcao@ifba.edu.br.

percorrer caminhos no campo da Psicologia, Fisiologia, Biologia, Sociologia, entre outros, a fim de analisar os diferentes fenômenos que atravessam as juventudes. Deseja-se, também, dar visibilidade às potências socioculturais dos sujeitos, a ponto de promover discussões sobre a importância de possibilitar o protagonismo juvenil e legitimar suas linguagens. Como trata-se de uma pesquisa em desenvolvimento, as considerações parciais revelam que os projetos de leitura podem contribuir para a formação social-cidadã dos jovens, conscientes de suas realidades e dispostos a transformá-las, visto que oportuniza-se a interação, o dialogismo, a afetividade, a escuta e o acolhimento dos saberes por eles expressos.

Palavras-chave: Juventudes, Experiências, Literatura, Práticas de leitura.

INTRODUÇÃO

Pensar em literatura é pensar em uma prática cultural que liberta. Dessa forma, traçar caminhos e horizontes na área da leitura literária é compreender que não existem fórmulas mágicas, prontas para resolver as dificuldades, mas sim muitas pesquisas e estudos a serem feitos. Neste sentido, este projeto de doutorado em andamento é pautado em um percurso desenvolvido no mestrado, concluído no ano de 2019, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação – GESTEC, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que teve uma temática voltada para o fomento do letramento literário, a partir de rodas de leitura com jovens. A experiência foi oportunizada sem regramentos e obrigações pedagógicas. A produção de sentidos deu-se com liberdade, escuta, o direito à fala e acolhimento das linguagens e saberes por eles expressos. O campo empírico foi uma escola pública localizada em uma região periférica no município de Camaçari/BA.

Pode-se dizer que o mundo literário favorece a reflexão e a compreensão sensível da realidade social que pode circundar (ou não) a vida do leitor. Cordeiro (2008, p. 75) no diz que a experiência literária é “carregada de acertos e desacertos, certezas e incertezas”, inerente ao nosso próprio ser e viver. Dessa forma, é preciso permitir-se experienciar, avançar, ir e voltar, buscando caminhos às avessas dos pré-estabelecidos.

Gonçalves (2018, p. 133) alerta que é importante “estudar a formação do leitor na juventude, já que, geralmente, acredita-se que essa formação só pode ser considerada efetiva quando ocorre na infância”. A autora orienta que iniciativas que favoreçam o contato aprofundado com o texto literário podem despertar tanto o sujeito quanto a coletividade para a transformação do meio a que pertencem. Esta afirmação da autora nos diz que não existe uma fase específica da vida para se formar um leitor, não há uma regra, não se pode engessar e restringir a formação de leitores apenas ao período da infância. O mundo leitor é cheio de possibilidades e as experiências são múltiplas e infinitas.

Durante o percurso do mestrado foi possível constatar que a inserção dos jovens em atividades leitoras via experiência literária configurou-se em um investimento na autonomia a ponto de provocar o protagonismo juvenil. Os jovens passaram a criar, propor e desenvolver outras práticas de leitura lideradas por eles mesmos. Assim sendo, pretende-se com esta pesquisa avançar o debate constituído durante a trajetória no mestrado.

O desejo é analisar projetos de leitura desenvolvidos com jovens em seis escolas públicas (a definir) no município de Camaçari/BA, entre os anos de 2023 e 2025, a fim de identificar os impactos para a formação dos estudantes no que diz respeito ao campo literário, além da formação enquanto cidadãos. O recorte temporal entre os anos de 2023 a 2025 dá-se em virtude do desejo de analisar projetos atuais, ou seja, que tenham sido desenvolvidos recentemente no município, a fim de identificar as reverberações na vida dos sujeitos. Reitera-se que a escolha pelo município de Camaçari é justificada pelo interesse em ampliar e oportunizar novos rumos aos estudos constituídos no mestrado.

A leitura pode proporcionar reflexões individuais, coletivas e sociais, a ponto de contribuir não só para a formação dos sujeitos enquanto leitores, mas também cidadãos e possíveis agentes transformadores de suas realidades. Potencializar as informações do cotidiano das juventudes e oferecer espaços formativos, diversificados, representativos e transformadores pode ser um forte movimento para a disseminação da literatura e ressignificação de suas realidades.

De acordo com Kleiman (1998), ao ler é possível acionar valores, crenças e atitudes, assim, ao ser considerada uma prática social, o ato de ler está diretamente ligado aos lastros socioculturais dos sujeitos e à formação da cidadania. Torna-se necessário então, pensar a leitura como uma prática que vai além da decodificação de signos linguísticos, compreendê-la como um processo de construção de significado e atribuição de sentidos interacionais e socioculturais; uma atividade que ocorre no meio social através do processo histórico dos sujeitos. Dessa forma, é possível abrir o campo da experimentação, da significação e da própria construção dos sujeitos. Larrosa (2015) nos orienta que o texto pode favorecer diferentes experiências, basta oportunizar ao leitor conversar com ele, vivê-lo, experimentá-lo livremente em sua singularidade.

Cândido (2004, p. 110) preconiza que a literatura é “uma transfiguração da realidade”. Dessa forma, a leitura do texto literário pode permitir variadas significações por seu caráter dialógico, emancipador e subjetivo. Contudo, vale ressaltar que para todo esse movimento acontecer faz-se necessário não restringir o texto literário às questões interpretativas dos livros didáticos seguindo orientações curriculares, minimizando a literatura a um estado de estagnação, distanciada do seu caráter emancipador e de humanização.

Ao acolher produções literárias variadas oportuniza-se experiências, sentidos e sensações múltiplas. Existem muitas experiências exitosas socializadas e compartilhadas na *internet*: *saraus*, coletivos, *slams*, entre outras iniciativas pro-

movidas por professores, poetas, artistas e escritores em vários lugares do país e do mundo. Contudo, ainda existem algumas lacunas nos estudos a respeito das discussões sobre as consequências e reverberações destes projetos na vida dos sujeitos.

Neste sentido, surge a proposta de desenvolver esta pesquisa, a fim de analisar as experiências literárias dos jovens a partir de projetos de leitura desenvolvidos entre os anos de 2023 e 2025, no município de Camaçari/BA. Assim sendo, a questão-problema pode ser expressa nas seguintes perguntas: De que forma a experiência com projetos de leitura pode mobilizar os jovens e suas potências omnilaterais? Quais implicações os projetos de leitura podem refletir para além do ambiente escolar, principalmente, no que diz respeito aos aspectos sociais e políticos?

De acordo com Larrosa (2019, p. 142) “ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto.” O autor está a nos dizer que o texto pode favorecer diferentes experiências, basta permitir ao leitor conversar com ele, vivê-lo, experimentá-lo livremente com sua singularidade.

Martins (2006, p. 47) discorre que “a experiência da leitura pode ser observada em diferentes níveis, um mais fortemente sensorial, outro emocional e outro racional”. Segundo a autora, há relações entre eles, uma vez que são simultâneos, mas conforme a experiência de leitura um ou outro pode prevalecer ou não. Assim sendo, o ato de ler pode configurar-se em uma inter-relação entre as três dimensões, mesmo que uma seja mais acionada do que outra. Muito embora, vale reiterar, que todo esse processo vai depender dos sujeitos, uma vez que as experiências são únicas e variáveis, o processo de vivências leitoras pode depender inclusive das relações individuais com o meio social e cultural, enfim com o contexto em que se está inserido.

A Lei nº 9394 de 1996, publicada pelo Ministério da Educação, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) expressa a política e o planejamento para a educação no Brasil. No Art. 3º apresenta a importância de valorizar a experiência extraescolar e de estabelecer vínculo entre a educação escolar e as práticas sociais. A lei orienta que a escola reflita sobre as experiências de leitura desenvolvidas pelos estudantes no contexto escolar, a fim de proporcionar novas formas de aprendizagem e fazer penetrar o letramento literário na experiência dos jovens estudantes.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) é um documento que propõe uma referência para nortear o que é ensinado em todo país, englobando os objetivos de aprendizagem de todas as fases da educação básica, da Educação Infantil até o Ensino Médio. Aponta para a necessidade dos estudantes serem capazes de utilizar os saberes para dar conta no seu dia a dia, sempre respeitando princípios universais, como a ética, os direitos humanos, a justiça social e a sustentabilidade ambiental.

O indicador que mede a qualidade do ensino básico nas escolas públicas brasileiras é o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), o qual reúne resultados de dois conceitos igualmente importantes para a educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O instrumento com o qual o Ideb é medido é a Prova Brasil. Os dados da Prova Brasil 2023 constataram que a maioria das unidades federativas do país não atingiu a meta desejada para os anos finais do Ensino Fundamental.

O Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) apresenta que em 2023 no Estado da Bahia, apenas 24% dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino aprenderam o esperado para as competências de leitura e interpretação de textos. Neste mesmo ano, no município de Camaçari, 25% dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da rede municipal conseguiram atingir a meta na disciplina de língua portuguesa. Contudo, o percentual de estudantes com nível de aprendizado considerado suficiente no Brasil para as competências de leitura e interpretação de textos atingiu a marca de 41%.

Os dados apresentados constataam a posição desconfortável em que se encontra o Estado da Bahia e o município de Camaçari no que concerne ao desempenho em leitura e escrita. Neste sentido, a urgência em acolher as experiências dos jovens estudantes, conforme preconizado na LDBEN (BRASIL, 1996) faz-se necessário, uma vez que oportunizará aos sujeitos discutirem, opinarem e compartilharem projetos de leitura que procuram dialogar com a cultura juvenil. A proposta deste estudo pode ser considerada também relevante, por acolher propostas que fomentem práticas de leitura, uma vez que os indicadores que analisam a educação básica do Brasil mostram que as metas não estão sendo atingidas.

Os objetivos da pesquisa buscam: identificar como as experiências literárias a partir dos projetos de leitura mobilizaram os jovens e suas potências socioculturais; analisar como os projetos de leitura podem atribuir sentidos

interacionais e socioculturais na vida dos jovens; verificar como se relaciona a experiência literária e as juventudes e identificar as implicações dos projetos de leitura nos âmbitos sociais e políticos das juventudes investigadas.

Todo este diálogo apresenta-se como uma oportunidade de acolher as produções estéticas, literárias, líricas, poéticas, culturais e sociais dos jovens, compreendendo que o conhecimento construído dentro e fora do contexto escolar pode se unir em favor do desenvolvimento desses mesmos sujeitos.

LEITURA: UMA PRÁTICA CULTURAL

De acordo com Martins (2006, p. 36) o campo literário além de mover o mundo “tem mais mistérios e sutilezas do que mera decodificação de palavras escritas, tem também um lado de simplicidade que os letrados não se preocupam em revelar”. Dessa forma, pode-se dizer que a literatura abrange várias dimensões da experiência humana e da vida em sociedade, dentre elas a ideia de ficcionalizar a própria existência, acessar os valores do mundo e encontrar soluções para os conflitos humanos. Compreende-se, portanto, que a inscrição social pode ser feita pela literatura.

Segundo Candido (2004) a literatura humaniza, uma vez que oportuniza ao sujeito vivenciar várias situações e realidades ficcionalmente, atuando desta forma como uma espécie de instrução. As produções literárias para Candido (2004) podem contribuir na formação do ser humano assim como a família e a escola, mas ressalta que essa função formativa necessita de uma visão elaborada e consciente para não cometer o prejuízo de considerá-la apenas sob o viés pedagógico e instrumental formal.

Para os educadores da área das Linguagens desconstruir o foco linguístico da leitura é muitas vezes uma afronta, contudo faz-se necessário entender que o ato de ler faz parte da cultura, das interações sociais, dos contextos e instituições em que os sujeitos estão inseridos. Chartier (1994) propõe uma recepção da leitura enquanto prática cultural, portanto, ligada a usos sociais variados. Dessa forma, ao compreender que estas práticas compõem as interações sociais, os contextos e as instituições nas quais os sujeitos estão vinculados, entende-se que assim como em outras práticas sociais, as práticas de leitura juvenis podem ser compreendidas como uma prática cultural entre os jovens.

Ao ser considerada uma prática cultural e histórica, a leitura produzirá sentidos, uma vez que será inferida pelas experiências sociais, políticas, econômicas

e ideológicas de cada sujeito. Para Goulemot (2011, p.108), “ler é dar sentido, e não encontrar o sentido que o autor deseja transmitir, pois implicaria na criação de uma relação entre o sentido desejado e o sentido percebido”. O autor completa: “ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido”. Considerando as afirmações do autor, compreende-se que a leitura nunca é ingênua, sempre estará vinculada a uma época, a um contexto social e histórico, de modo que as significações de práticas de leitura vão modificando-se e são múltiplas.

Evelina Hoisel (1996), ao elucidar sobre a leitura do texto artístico, preconiza que o leitor pode ser:

(...) Um inventor, um produtor de discurso. Da sua decodificação não resultam significantes dispersos, significados repartidos. A sua leitura transformar-se-á em uma reescritura, em uma nova textura, através de outros signos. Esse leitor poderá instalar um sistema textual através do processo de enxerto, fazendo com que seu texto seja depositário de outros textos. (Hoisel, 1996, p. 8-9)

Neste sentido, é possível inferir, de acordo com as reflexões da autora, que a literatura possibilita uma multiplicidade de interpretações, permanentemente fecunda no processo relacional entre sujeito e linguagem, sem limites e sem regras.

De acordo com Freire (1993, p.9) ler não é apenas decodificar os códigos da língua: “a leitura do mundo precede a da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Neste sentido, é possível dizer que o ato de ler pode ser considerado como uma prática capaz de introduzir outras formas de saber, e à medida que mobiliza outras relações, abre-se o campo da experimentação e da significação.

Ao pensar em experiência vale trazer Larrosa (2015, p. 18) quando trata dos sentidos e saberes. O autor afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada ida se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” e complementa:

Ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto. O importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para que pessoa ou pessoas fala. Na leitura, o texto fala para nós, nos fala: fala para

nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver. (Larrosa, 2015, p. 142)

Segundo o autor, o texto pode favorecer diferentes experiências, basta oportunizar ao leitor conversar com ele, vivê-lo, experimentá-lo livremente com sua singularidade. Aproxima-se aqui os estudos de Gonçalves (2014, p. 173), quando diz que “o contato, cada vez mais aprofundado com o texto literário serve de ponte para que os jovens extrapolem o lido e o associem a aspectos da própria vida, o que amplia suas funções estéticas” da literatura. Dessa forma, ao propor uma análise sobre os impactos que os projetos de leitura podem provocar na vida dos jovens, pretende-se identificar o que emergiu das experiências literárias e quais implicações reverberaram nos sujeitos, a ponto de ressignificar sua própria realidade.

Os sentidos que a interpretação de um texto literário podem gerar são múltiplos e individuais. Vale salientar que a experiência literária está para além dos livros enquanto objeto, existem vários suportes que possibilitam o acesso à literatura de forma diferenciada através de textos híbridos que dialogam com outras linguagens, como a tipografia, a publicidade e as artes plásticas (Chartier, 1994).

Conforme Horellou-Lafarge e Segré (2010, p.17), “até o início do século XXI (...) ler era ler livros”, contudo com o avanço tecnológico que houve neste último período da História, a soberania do livro se desfez, devido à variedade e ampliação dos suportes de leitura. Em se tratando de juventude contemporânea, estes suportes são bem heterogêneos; diversidade e heterogeneidade parecem ser elementos sempre presentes nas culturas juvenis. Para Groppo (2000) as vivências juvenis passam pela formação de diferentes grupos apoiados em símbolos e estilos próprios de cada grupo, mesmo que haja semelhança étnica, de classe, gênero e localidade.

POTENCIALIDADES DAS JUVENTUDES

Segundo Gonçalves (2014, p.60) a juventude precisa ser compreendida como um processo de “construção que será diferente a partir de questões socio-culturais”. A autora afirma ser relevante definir aspectos, tais como: “faixa etária, maturidade, critérios socioeconômicos, estilo de vida, setor da cultura” para que se possa delimitar esse conceito. À vista disso, justifica-se a necessidade da utili-

zação do termo juventudes, no plural, uma vez que os jovens podem promover diferentes culturas, próprias e autônomas, de acordo com o contexto sociocultural que estão inseridos.

O esforço em tentar compreender as juventudes precisa ser dotado da escuta, para que seus discursos brotem sem medo de julgamentos, e, consequentemente, suas experiências tenham voz e espaço. Dessa forma, é imprescindível oportunizar que o protagonismo juvenil ocupe um lugar de autonomia, autenticidade e representatividade, visto que as juventudes em alguns estudos é definida como uma fase de conflitos e rebeldia, mas, não seria a rebeldia um ato de resistência? A respeito disso, Gonçalves (2014, p. 61) aponta que “todavia, há de se ratificar que sua condição desviante não deve ser interpretada somente como alvo de tensões ou preocupações, mas também de produções inovadoras”.

Dentro deste contexto ressalta-se a importância de considerar as múltiplas dimensões de identidade das juventudes, a saber: raça, gênero, orientação sexual, classe social, deficiência, entre outras. Neste sentido a abordagem interseccional pode contribuir para esta análise, pois ajuda a reconhecer que as identidades se entrelaçam e que as desigualdades enfrentadas por cada indivíduo podem influenciar múltiplos sistemas de opressão. O conceito de interseccionalidade é um termo cunhado pela acadêmica americana Kimberlé Crenshaw (2002), e refere-se à interação entre diferentes sistemas de opressão e discriminação que afetam os sujeitos.

A interseccionalidade reconhece que as opressões não são experienciadas de forma isolada, mas estão interligadas e entrelaçadas. A perspectiva interseccional valoriza a importância de levar em consideração as experiências e identidades das pessoas em vez de categorizá-las de maneira simplista. Assim, este conceito tornou-se uma ferramenta importante para compreender as desigualdades sociais e para criar estratégias para combater a discriminação em todas as suas formas.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou

ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p.177 *apud* Assis, 2019, p. 20).

Akotirene (2019, p. 38) em seus estudos amplia a perspectiva do conceito da interseccionalidade, ao apontar caminhos que permitem criar novas alternativas de ser e estar no mundo: “é uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”. A teoria interseccional, permite o entendimento do contraste das estruturas do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado, do conflito identitário e das opressões vividas, a fim de combater as diversas opressões imbricadas, tornando-se, portanto, um instrumento de luta política.

Ao favorecer que as juventudes demonstrem suas habilidades e competências livre de julgamentos e preconceitos, abre-se o repertório para a potência das culturas juvenis, além de contribuir para a desmistificação que nesta fase evidenciam os problemas sociais, como se a desestruturação social fosse uma escolha. Isto conforme Moraes (2017, p. 127) omite do Estado e de uma parte da sociedade “a verificação das carências de uma expressiva parcela da população”, posto que muitas das desigualdades sociais são frutos de um ciclo social e histórico. Neste cenário, vale recorrer a Certeau (2014, p. 9) quando em seus escritos tratam da cultura: “para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza. A cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que os outros lhe dão”. O autor está a nos dizer que a cultura singular é paralisante, um bloqueio para a criação.

Os estudos de Souza (2009, p. 32) quando preconiza sobre os letramentos de reexistência também podem contribuir para o embasamento teórico desta pesquisa. A autora caracteriza letramentos como de reexistência aqueles que mostram-se “singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados”. Portanto, desmistifica-se a ideia de que as práticas sociais do uso da língua só podem ser validadas quando estão organizadas no processo ensino-aprendizagem do contexto escolar formal.

À vista disso, o conceito de letramentos está para além das relações entre as habilidades de ler e escrever, em virtude da necessidade de se considerar diferentes valores e manifestações que o letramento pode assumir em grupos

distintos, a depender do contexto em que o sujeito está inserido. Kleiman (1998, p. 11) completa esta proposta ao dizer que letramentos correspondem a um “conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder”.

Dessa forma, ao identificar as potencialidades dos jovens a partir de projetos de leitura, contribui-se para a constituição de redes de sociabilidade, partilha e cooperação, nas quais a cultura emerge de forma plural, assim como a juventude que sempre se apresenta de forma plural e heterogênea.

METODOLOGIA

O percurso metodológico proporciona ao pesquisador sistematizar as atividades pretendidas, além de orientar e projetar o delineamento da pesquisa. Dessa forma, pretende-se seguir caminhos apoiados na pesquisa-ação. Conforme preconiza Barbier (2007, p. 111) este tipo de pesquisa corresponde “a uma polarização de autonomia repleta de incertezas”. Neste sentido, evidencia-se a importância do pesquisador estar implicado, uma vez que o imprevisto é um elemento em potencial nesta perspectiva. Ao apoiar-se na pesquisa-ação é possível abrir o campo da significação para todos os atores envolvidos, uma vez que este caminho pode favorecer a interação, o dialogismo, a afetividade, a escuta e a criatividade.

Vale ressaltar que as orientações de Thiollent (1999; 2008) sobre a pesquisa-ação também poderão apoiar este estudo. Segundo o autor, esta metodologia “exige dos pesquisadores uma grande dedicação e o simultâneo domínio das questões teóricas e práticas da investigação” (1999, p.102). Pode-se dizer que, este caminho metodológico oportuniza a troca de conhecimentos entre pesquisadores e pesquisados, os participantes têm a oportunidade de opinar, planejar, avaliar, enfim, interagir na tomada de decisões.

Com o intuito de buscar maior familiaridade com o tema, a pesquisa inicialmente terá natureza exploratória. Conforme preconiza Gil (2008), os procedimentos exploratórios auxiliam para a composição e delineamento do objeto de estudo, para que não se faça prenúncios do que poderá acontecer, mas sim averiguar as especificidades do campo empírico e seus atores.

Pretende-se fazer visitas técnicas à Secretaria de Educação do município de Camaçari/BA, a fim de coletar informações sobre as escolas de Ensino

Fundamental II que desenvolveram projetos de leitura no período estabelecido pela pesquisa. A busca primeiramente será por projetos institucionais, e, na sequência, pelos autônomos, caso a secretaria tenha esses dados. Se porventura, a instituição não possuir as informações solicitadas, será necessário recorrer aos canais de comunicação *on line*, como por exemplo grupos de *whatsapp* de docentes de linguagens da rede municipal e/ou do sindicato dos professores, com o objetivo de fazer um levantamento de projetos desenvolvidos de forma autônoma. Após todo esse movimento, será possível fazer um mapeamento dos projetos concebidos nas escolas públicas.

Em seguida, de acordo com critérios previamente estabelecidos, serão escolhidas as seis escolas que farão parte do processo da pesquisa. Os critérios serão alinhados no decorrer dos estudos e orientações, contudo serão priorizadas as escolas que apresentarem maior acolhimento e desejo em participar da pesquisa.

Na sequência pretende-se percorrer caminhos de natureza descritiva, com o propósito de obter informações e firmar relações entre a empiria e o objeto de estudo, a partir dos diálogos propostos com os sujeitos envolvidos. Gil (2008, p.28) nos orienta sobre o diálogo entre as pesquisas de natureza descritiva e exploratória ao dizer que “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. O autor afirma dessa forma que é possível fazer essa relação, já que a proposta desta pesquisa compreende um ambiente social, cujas particularidades são subjetivas e os elementos para análise podem variar na interpretação.

Rodas de conversa entre os sujeitos para apresentar a pesquisa serão pertinentes neste momento. Vale ressaltar que serão realizadas rodas de conversa com os idealizadores e executores dos projetos de leitura, e, na sequência, com os jovens que participaram dos projetos. A pesquisa buscará com esse percurso verificar e analisar todo o movimento de concepção, elaboração, planejamento e execução dos projetos, além de buscar compreender como o potencial crítico dos jovens e suas especificidades foi ativado, e com isso tentar contribuir para as reflexões sobre as implicações da experiência a partir da literatura na vida dos jovens.

Pretende-se também, desenvolver entrevistas semi-estruturadas em grupo e individuais com todos os sujeitos que aderirem à pesquisa, a fim de favorecer a coleta mais precisa de dados. Vale ressaltar que antes de todo o processo de

empíria será apresentado e entregue aos participantes, o termo de consentimento livre e esclarecido e demais termos necessários, em consonância com as resoluções do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, com o objetivo de legitimar os estudos.

A pesquisa também percorrerá caminhos de natureza explicativa, já que pode apontar e indicar orientações para as potencialidades dos jovens a partir das experiências leitoras, uma vez que ao identificar as variáveis que compõem o contexto em que a pesquisa está inserida, será possível inferir sobre a realidade, em virtude da importância de dar voz às juventudes que tanto demandam ação, fala e produtividade.

A proposta da abordagem qualitativa completa o percurso metodológico, já que busca uma percepção dos fenômenos que acontecem no contexto das relações sociais. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) as pesquisas qualitativas estão baseadas em estudos na esfera subjetiva do objeto investigado, com o intuito de identificar as especificidades de uma dada realidade.

Espera-se que todos os procedimentos de ação no campo empírico possam apoiar a pesquisa de tal forma que venham a repercutir na socialização das experiências dos jovens, uma vez que as juventudes ao serem mobilizadas sem julgamentos apresentam suas potencialidades de forma autêntica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se que todo esse percurso possa dar visibilidade às juventudes e suas potências socioculturais, a ponto de promover discussões sobre a importância de oportunizar o protagonismo juvenil, difundir a cultura desses jovens e legitimar suas linguagens. Conforme preconiza Gonçalves (2014, p. 173), as ações de fomento à leitura literária podem levar “o sujeito a uma mudança de comportamentos e atitudes que reverberam em tomada de decisão para a promoção de transformações individuais e/ou sociais”. À vista disso, este estudo pode ser um caminho para abrir os sentidos e a significação sobre as experiências dos jovens no campo literário, e contribuir para um movimento de consciência da atuação social das juventudes nos contextos em que estão inseridos.

Sabe-se que a leitura literária cumpre sua função quando surpreende o leitor e ativa emoções neles. Yunes (2003, p. 49) nos diz que “a leitura é única, a cada vez, mesmo que seja para o mesmo leitor diante do mesmo texto. Ao

vivermos, mudamos e mudamos nossa leitura, não se perde o vivido, mas se acrescenta o vivo, ao novo”.

A leitura promove nos leitores que se permitem, um turbilhão de sensações e emoções, a ponto de transformar ou reconstruir o que somos. Barthes (2010, p. 37) nos inspira quando fala “da morte do autor após o ponto final, contudo ele tem a oportunidade de ressuscitar a partir da ativação” de um leitor.

Ao propor a análise como os projetos de leitura podem difundir as potencialidades culturais, intelectuais e artísticas dos sujeitos, a pesquisa poderá produzir evidências empíricas para apoiar e estimular iniciativas de promoção à leitura literária. O desejo de desenvolver uma abordagem interdisciplinar neste estudo, também poderá contribuir para uma investigação dos diferentes fenômenos que atravessam as juventudes, visto que há a intenção de percorrer caminhos na área da psicologia, fisiologia, biologia, sociologia, ou seja, por caminhos no campo da interdisciplinaridade.

Ao abrir o diálogo para outras áreas do conhecimento contribui-se para o fomento e inovação dos estudos, uma vez que a aprendizagem se constituirá de forma interdisciplinar, numa perspectiva plural. Neste sentido, a pesquisa permitirá impactos sociais, ao apresentar as reverberações dos projetos de leitura para a formação social-cidadã dos jovens, de modo a contribuir para o desenvolvimento de sujeitos conscientes de suas realidades e dispostos a transformá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude de ser uma pesquisa em desenvolvimento, as considerações parciais revelam que os projetos de leitura podem contribuir para a formação social-cidadã dos jovens, conscientes de suas realidades e dispostos a transformá-las, visto que oportuniza-se a interação, a afetividade, a escuta e o acolhimento dos saberes por eles expressos.

Acredita-se que o material empírico produzido nesta pesquisa possa, ao ser analisado, trazer novos elementos para a reflexão, análise e reconfiguração do olhar sobre as experiências literárias com as juventudes. Ao gerar oportunidades de espaços de diálogos formadores que integrem aspectos sociais, culturais e históricos colabora-se para a concepção de sujeitos mais conscientes de suas origens, necessidades, desejos e potenciais criativos.

Ao proporcionar aos sujeitos o desenvolvimento e partilha de projetos que se construam a partir de suas realidades, oportuniza-se uma experimentação

crítica e autorreflexiva. Quando a interação é privilegiada, o ambiente torna-se favorável para o crescimento e o compartilhamento de saberes.

Os estudos aqui propostos também podem levar a uma compreensão mais profunda dos processos cognitivos, linguísticos, culturais e sociais dos projetos de leitura desenvolvidos com jovens, e, conseqüentemente, promover novas perspectivas sobre as relações dos sujeitos entre si e com o meio sociocultural.

À vista disso, é possível que as experiências com os projetos de leitura mobilizem os jovens de tal modo a ponto de reafirmar seus sentidos interacionais e socioculturais e conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da criticidade dos sujeitos. Todavia, para que todo este movimento possa acontecer é necessário permitir-se experienciar, pois se não houver uma permissão individual para tais vivências, a oportunidade de abrir os espaços para reflexão poderá ser esvaziada.

Destarte, deseja-se que este estudo contribua para a identificação e partilha dos impactos que os projetos de leitura promoveram para a formação dos jovens, a ponto de reverberar mudanças não só nas suas vidas, como no contexto em que estão inseridos, principalmente relacionados aos aspectos sociais e políticos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

BARBIER, Renér. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. Um debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. In: Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul /Duas Cidades, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, aug. 1994, pp. 185-199.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1999a;

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. De caso com a leitura. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.2, p. 75-78, 2008.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Revista Estudos Feministas, nº 1, 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1993.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. **Os Jovens em Círculos de Leitura: uma proposta para espaços alternativos**. 221 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. Ler entre os jovens: os círculos de leitura e experiência literária. In: MATOS et al. **Gestão, Territórios e Redes**. A Prática de Pesquisa em Educação. Salvador: EDUFBA, 2018 pp. 133 - 151.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Edições Liberdade, 2011, pp. 108-120.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ Monique. **Sociologia da Leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

HOISEL, Evelina. **A leitura do texto artístico**. Salvador: Edufba, 1996.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Disponível em: www.portal.inep.gov.br.

KLEIMAN, Angela. Ação e mudança na sala de aula: uma nova pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MORAES, Cândida Andrade de. **Educação Social e Políticas de Juventude no Brasil e em Portugal**: experiências de jovens afrodescendentes. 212 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2009.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 82-103.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.